

Drac Tenebre

P. almas de

Conde de Darbaciona

X

ML



Lili de Maurin L.Z.



E. J. M.

Lith de Matien J. Z.

2
m1

W

3
ML

M 33

ORAÇÃO FUNEBRE

RECITADA PELO BENEFICIADO

FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO

NA EGREJA DE S. VICENTE DE FÓRA EM LISBOA.

POR OCCASÃO DAS EXEQUIAS QUE OS LEGITIMISTAS PORTUGUEZES
CELEBRARAM NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1854.

PELO ETERNO DESCANÇO DA ALMA.

DO

ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR. FRANCISCO FURTADO DE CASTRO DO RIO DE
MENDONÇA E FARO, 7.^o VIZCONDE E 2.^o CONDE DE
BARBACENA, DE SAUDOSA MEMORIA.



LISBOA: 1854.

TYPOGRAPHIA DE A. HENRIQUES DE PONTES,
Campo de Sant'Anna n.^o 31.

3
ML

AO SENHOR

D. MIGUEL DE BRAGANÇA,

O.

respeitosamente

4
m1

Os Editores.

Vereis amor da patria não movido
De premio vil; mas alto e quasi eterno:

Ouvi; vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

CAMÕES. — *Lusiadas*.

INTRODUÇÃO.

Pelas veredas da razão dirige
O dom maior que a natureza outhorga
Do humano aspecto a despota eloquencia.

J. A. DE MACEDO.

NA immensa perda e na intranhavel magua que todo o Portugal sentiu, e mais particularmente o partido legitimista, com o falecimento do Conde de Barbacena, era natural que ao animo de muitos acudisse a idéa de uma publica manifestação de saudosa homenagem ás virtudes do illustre fíando.

A religião do amor da pátria também tem o seu culto externo; este não pode deixar de abranger e consagrar a memoria daquelles, que ardente mente o professavam na vida. Assim como a pátria os propõe para exemplo, deve nos testemunhos de sua agradecida lembrança prepor incentivos e premios aos corações generosos.

Nasceu, pois, daqui o proposito de umas exequias em tributo ao Conde de Barbacea, preferindo-se o caracter solemne e religioso desta demonstração, porque era alliar, em um só acto, a lembrança da constante piedade do falecido, e os principios cristãos que fazem o timbre do corpo politico, a que pertencera, e que o ia prantear em volta da sua urna funeraria.

Mas as exequias do Conde de Barbacena requeriam necessariamente uma oração funebre, que recordasse a vida de tão grande varão; e o empenho era difficult, porque importava encontrar um orador digno do assumpto, e que ao mesmo tempo soubesse delicadamente attender á especialidade das circunstancias.

A vida do Conde tinha muitos e formosos capitulos de vida pública e de vida privada; altos feitos como funcionario, e estremadas virtudes como cidadão.

Para apreciar e expor em resumido compendio essa vida, carecia-se de uma intelligencia elevada que a comprehendesse, de um gosto apurado que a epilogasse, de uma indole suave e virtuosa que bem lhe podesse extrahir o perfume de tantas flores, e de uma voz eloquente que, como pincel inspirado, em cada traço desenhasse uma seção.

Não devia faltar nenhuma ao grande retracto; e se só para isso, n'um breve discurso, já eram precisos muitos dotes ao orador, muitos mais carecia de ter, desde que na vida do Conde cumpria não esquecer aquelles capitulos que se encheram entre o estre-pito das armas n'uma guerra civil, e aquelles que a sua resigna-ção energica deixou escriptos em vinte annos de solemne protesto, como sustentador de um grande principio.

A phisyonomia do Conde ficava mutilada e incompleta, se es-sas linhas magestosas della se não percebessem; e o desenho de taes linhas era quasi impossivel sem se cahir na inconvenien-cia de recordar feridas entre irmãos com prejuizo da conciliação da familia portugueza.

As doctrinas e praticas do partido politico que celebrava as exe-quias, as praticas e doctrinas daquelle por quem as celebrava, o caracter sacerdotal do orador, o logar sancto em que se devia pro-ferir o discurso, tudo exigia que o elogio do Conde fosse tal, que nem os ouvidos mais exigentes e melindrosos podessem nelle en-contrar nenhum echo de paixões odientes.

Era necessario reunir a fidelidade da pintura com a escrupulosa cortezia das côres; era necessario ser verdadeiro, sem pender nunca nem levemente para apaixonado.

Todos sabem como são graves estas difficuldades em taes assum-ptos; todos havemos ahi visto como tantos engenhos superiores teem por vezes tropeçado nellas; mas todos poderão tambem ver agora, como na Oração funebre do Conde de Barbacena soube ven-cel-as o sr. Malhão.

Esta Oração, que hoje temos a fortuna de offerecer á estampa, para que chegue assim á noticia de milhares de portuguezes an-ciosos que não poderam ouvil-a, e ao conhecimento do futuro que a ha-de ler com interesse e admiração, esta Oração funebre é, sem duvida, um dos mais notaveis monumentos da eloquen-cia do pulpito, entre nós.

A pureza da linguagem, o rigor logico, a formosura do estylo, a riqueza e felicidade das imagens, o tacto fino de sua invenção e disposição, e mais que tudo a delicada arte com que estão da-dos neste quadro certos toques que, para assim nos exprimirmos, poem o vulto do Conde em relevo sem se poder descobrir a passa-gem do pincel, são qualidades que fazem deste discurso, um dos poucos que permanecem eloquentes na leitura do gabinete, e na ausencia do eximio orador que os proferiu.

Quem não viu nem ouviu o sr. Malhão, não pode, por certo, julgar do magico effeito produzido pela elevação de sua figura, pela magestade da sua bella fronte, pelo som harmonioso da sua voz, pela propriedade do seu accionado, e pelos recursos que elle sabe habilmente tirar e variar de todos estes dotes de orador.

Mas, apesar disso, lendo o seu discurso, lendo a Oração fune-bre do Conde de Barbacena, todo leitor intelligent se ha-de sentir penetrado da eloquencia e arte derramada nessas poucas paginas.

A vida do discurso, se assim nos podemos exprimir, essa só lh'a pode dar o orador quando recita; mas se a obra é acabada, a oraçao toma logar na litteratura ainda depois de recitada.

Cicero, que nenhum de nós viu nem ouviu, ainda hoje tem o dom de nos interessar, ainda hoje nos arrebata na simples leitu-ra dos seus discursos, que serão estudados com proveito.

Consideramos, pois, a Oração funebre do Conde de Barbacena, como essas obras de oratoria, que ficam pertencendo á litteratura e ao estudo. E' um exemplo para se seguir, é um modelo para se imitar.

Veja-se como o sr. Malhão soube levantar a estatua do Conde, sem lhe inchar os membros para que ficassem maiores, sem lhe afeminar o rosto para lhe fingir maior belleza.

Mostrou-o bello e grande com linhas rapidas, severas, e fieis.

No elogio de um homem vulgar é mister aproveitar tudo, asso-prar e engrandecer as mais pequenas accções, não esquecer nenhuma, para que o conjuncto, e o esforço da arte, possa figurar gigante o que não passou de ánão. No elogio de homens, como o Conde de Barbacena, o sr. Malhão comprehendeu, e comprehendeu bem, que não era assim.

A vida de taes homens é muito conhecida, todos os ouvintes a sabem, e não é no pulpito que se tracta de lhes fazer uma biografia minuciosa. Seria diminuir-lhes a estatura.

Traços largos, boa escolha, e fazer logo surgir em pé a grande figura que se expõe á admiração publica, é isso o que convém, e é isso tambem o que só mão de mestre sabe alcançar sein perigo.

O sr. Malhão conseguiu-o.

Não andou com o cinzel cavando feições, para que avultassem ; tocou-as, e deixou que de si se mostrassem proeminentes, porque de si o eram.

Rigoroso no perfil, não esqueceu nada do que animava aquella physionomia illustre : mas onde uma reticencia dizia tudo, onde bastava indicar que se calava, para assim traçar logo na imaginação de seus ouvintes esplendidias paginas da vida do Conde, não se demorou a revelar o que já estava adivinhado, e o que muitas ponderações aconselhavam que ficasse por dizer.

O sr. Malhão apresentou o Conde de Barbacena tão grande como elle era, e para isso preferiu em tudo a simplicidade e singelleza, que é moldura que mais convém aos retractos dos grandes homens.

Se o Conde de Barbacena foi um varão igual ao seu nome e digno da sua patria; o sr. Malhão, fazendo o elogio do Conde, foi um orador igual ao assumpto, e digno da reputação que tem adquirido.

O pulpito portuguez pode gloriar-se, de que ainda o seu explendor não morreu todo. Ainda houve o sr. Malhão, que na lingua de Vieira soube recordar as pompas do nosso pulpito, em honra da Religião, da virtude, e da patria.

Justum deduxit Dominus per vias rectas.
SAP. 10. 10.

« SÓ DEUS É GRANDE!...»

(*Eminentissimo e Reverendissimo Senhor.*)

« **S**ó Deus é grande! » — Foi assim que um grande orador francez principiou a oração funebre de um grande monarca d'aquelle paiz. — « Depois de Deus, só é grande a virtude. » — E' assim que eu, o mais humilde pregador da nossa terra, começo o elogio, também funebre, de uma distinta gloria della.

Grandezas ha que, não obstante fazerem o timbre de uma familia, o orgulho de um povo, e até a admiracão do mundo, não passam muitas vezes, por falta de solido fundamento, de estaluas de uma belleza apparente, firmadas, como a do rei de Babylonia, sobre pés de barro — Que importa que por algum tempo deslumbrem os olhos, fascinem os espiritos, e recebam a indevida homenagem do respeito? Lá tem na base a razão da sua ruina. — Se por ventura se conservam de pé, em quanto dura a illusão que as levantou, baqueam, logo que a analyse do bom senso pode vir examinal-as de perto, e descobrir a fraqueza dos seus alicerces.

Eis-aqui a historia dos homens de todos os seculos, que usuem um logar que não lhes pertence, na jerarchia do sangue, do poder, ou do talento. — Eis-aqui o destino de todas as grandezas, que devem a existencia, não ao merito e à virtude, mas ás lisonjas do genio prostituido, ás inspirações da poesia degradada, aos enredos da intriga, a tudo quanto pode ser posto em accão pelo peor dos dois homens que ha em cada homem.

Só ha um meio de edificar solidamente para o tempo e para a eternidade: é edificar sobre a virtude. — Só ella é grande depois de Deus, e só as obras em que ella mette a mão, são obras immortaes. — A morte passa por ellas desarmada, o tempo inclina-lhes reverente a fronte encanecida pelo gelo dos seculos, e a posteridade recebe-as como unica herança que lhe pertence, por que só acceita o que escapa á lima do tempo e á foice da morte.

Foi assim que edificou esse honrado portuguez, a quem venho pagar um tributo de saudade, ao pé da urna funeraria, levantada no templo de Deus, em nome dos amigos das glorias patrias, da aristocracia util e virtuosa, dos caracteres nobres e firmes, de tudo quanto constitue o bello typo portuguez. — O nome do lustre finado está escripto no coração de todos os homens de bem, vive em tradições glorioas, será uma pagina explendida na historia, attrahiu-nos a todos aqui, a vós de perto, e a mim de longe. — Ouvi-o da minha bôcca uma vez, que eu pouparei para o futuro a vossa e a minha sensibilidade — O portuguez de quem venho tecer o elogio funebre, é o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 7.^º vizconde, e 2.^º conde de Barbacena.

O ecco da dôr que tantos corações cobriu de lucto, quando elle se finou, tambem resoou dentro dos velhos muros da minha patria. — Quando vi n'um desses mensageiros do bem e do mal, das alegrias e das dôres, os crepes que elles trajam quando anunciam a morte, e li o nome do finado Conde :— « Faça-se a vontade de Deus ! » disse comigo. » Lá se rasgou mais uma folha do livro da antiga aristocacia, e lá se foram com ella muitos exemplos vivos de virtude ! » — Mal me podia então lembrar, que havia de vir aqui dizer a uma assembléa tão distinta, tão espirituosa e respeitavel, e na presencia do illustre Prelado da Diocese, o que lá dizia a sós comigo e com a minha dôr.

Se a palavra lançada deste logar de tanta responsabilidade, e sahida da bocca do ministro de uma religião de fraternidade e de paz, já encanecido, e que não troca, neste logar, os interesses da eternidade pelos do tempo, merece ser acreditada, crede-me. — Não venho aqui ser orgão de paixões, misturar a intriga com a dôr, lisonjear os ouvidos de uns á custa das crenças dos outros, offendere um Deus de paz e uma religião de amor, escarnecer aquelle tumulo, vilipendiar o ministerio sagrado, é tornar-me um digno objecto de desprezo. — O meu quadro é simples, inocente, e inoffensivo ; é o quadro das virtudes do illustre Conde traçado sem favor nem descortezia, é o quadro desse homem de bem, a quem Deus conduziu em toda a sua vida por caminhos rectos. *Justum &*

O quadro é importante, como vedes — O genio que o traça, o pincel que o colore, a mão que o sustenta, é que não estão em harmonia com elle. — Conheço-o ; mas que havia de fazer eu, convidado pela amizade para vir honrar a virtude ? — Virtude ! Amizade !.... São os meus numes terrenos. Curvei-me, respeitei-os, e no fervor da minha homenagem, esqueci-me da minha insuficiencia — Que resta agora ? Não me esquecer de Deus, pedir-lhe perdão e socorro — Confio, que me socorra, e perdoe — Se vós me perdoais tambem, e me animais com a vossa benevolencia ; então só me falta uma coisa : atenção. — Desconfiado de mim, peço-a em nome do objecto da nossa commum saudade ; e certo de a obter desta sorte, e contando com a vossa polidez, condescendência, generosidade e caracter religioso, — principio.

7
012 A virtude !.... Eis-aqui o principal, o mais precioso ornamento do homem. — O homem virtuoso !... Eis-aqui o homem que todos desejam para exercer o poder, para subir ao altar, para vestir a toga, para cingir a espada, para dirigir todos os seus negoeios individuaes, domesticos e sociaes. — Formai idealmente o quadro de um homem digno de respeito, de imitação e das trombetas da fama : ponde-lhe na cabeça um espirito vasto ; nos olhos a expressão do genio ; na bocca rios de eloquencia ; no peito a firmeza ; nas mãos e nos pés a energia de accão. — Tendes acabado ? Se não lhe pondes a virtude no coração, e o podeis animar, eu não sei, se me approxime delle com confiança, se fuja com temor. — Espírito vasto, genio, eloquencia, firmeza, energia de accão encontram-

se em muitos individuos, que mais parecem monstros do que homens. — A virtude!... Eis-aqui o principio regulador destes dotes brilhantes, que podem produzir grandes bens e grandes males. — E' ella que lhes amansa a indole muitas vezes bravia, que os civiliza, que os perfuma, que lhes dá boa direcção, que os faz marchar por caminhos rectos.

Proclamando a virtude o principal, o mais precioso ornamento do homem, não entendo que para o constituir homem virtuoso, baste apenas um ou outro acto de virtude. — « Um homem de sangue (para me servir das expressões do abade Orsini) pode dizer um dia, como Nero, ao assignar uma sentença de morte: *Prouvera aos deuses que eu não soubesse escrever!* — Um Sybarita pode jantar, outro dia, quatro figos e um bocadão de pão. » — Estes actos singulares são uma excepção do carácter dominante; e a virtude implica necessariamente perseverança.

Requerendo a perseverança no bem, tambem não entendo que o homem deixa de ser virtuoso, porque mostrou uma ou outra vez na vida, que, apesar de amar a virtude e trabalhar por ella, era filho da natureza corrupta. — Nenhuma doutrina mais corrente no sistema religioso catholico, que tem altares para a innocencia e para o arrependimento, e que venera nelles mais prodigos arrepentidos, do que filhos que nunca sahiram de casa do Pae celeste.

Postos estes principios, fechadas assim as portas a futuros reparos; avante! — O quadro das virtudes do illustre Conde, que prometi e vou traçar, não é um quadro chronologico de sua vida apreciada desde o berço até ao tumulo. — Considero-o de tres pontos de vista, os mais salientes delle: como *Fidalgo*, como *Soldado*, como homem *retirado das scenas do mundo*. — Vereis como a virtude o acompanha em todas estas posições, e como Deus o conduziu em todas ellas por caminhos rectos. *Justum etc.*

8
mConsidéremos, em primeiro logar, o illustre finado, como fidalgo — Se eu fosse, em logar de orador christão, orador do seculo, e quizesse deduzir o merito do homem dos principios donde elle os deduz; — se quizesse elogiar á pagã, e fundar a grandeza nesses brasões e títulos, que tanto lisonjéam o orgulho humano; — se quizesse, como diz o famoso Lacordaire, ir de geração em geração examinar a fonte pura d'onde rebentou, e os canaes limpos por onde passou, a porção de sangue que corria pelas vêas do conde; — se quizesse embrenhar-me no intrincado labyrintho das genealogias; — não me faltava com que satisfazer a ambicão dos amadores destas glorias. — Diria, que no seculo XVII já havia Barbacenas, e que do tronco desta arvore frondosa rebentaram hastes vicejantes, que honraram a arvore, a mão que a plantou, e a terra que lhe subministrou abundante e rica seiba. — Diria que o illustre finado, por algumas de suas avós, descendia da rainha D. Ignez de Castro e de seu marido D. Pedro 1.^o Diria que pelos Faros, condes de Faro, de Odemira e Vimieiro, ramos da augusta casa de Bragança, lhe girava nas veias o sangue de el-rei D. João I. e do Condestável D. Nuno Álvares

Pereira. — Diria, que o Conde era ainda parente, em gráu não remoto, de um dos maiores homens do nosso seculo, o Sancto Principe de Hohenloe; e que pelos Mendonças....

Mas eu creio, que as cinzas do Conde se indignariam no tumulo, e que uma voz solemne, sahida d'aquelle urna funeraria, me diria com o accento proprio de uma voz da eternidade. — »Ministro da Religião de Jesus Christo, olha por mim e por ti!.... Não inquietes os meus restos mortaes; são restos de um christão! — Não prostituas a tua lingua; é a lingua de um ministro do Deus humilde da Cruz! — Falla embora de mim, se isso é necessario á terra em que nasci, que amei, que amo, que recommendo aos cuidados paternaes do Moderador das nações. — Mas deixa essa gloria que não passa para á quem do tumulo. — Sopra ás minhas cinzas; debaixo dellas existem ainda faiscas de Fé. — Ou me louva como christão; ou... cala-te. »

Descancem em paz os restos do Conde. Não venho perturbar o repouso delles, fazendo valer na presença dos que o choram, o que nunca fez a base, mas somente o ornamento da pyramide do seu merito — Deixo as glorias do sangue e da nobreza; não são estas as que um ministro de JESUS CHRISTO deve celebrar ao pé da urna de um christão.

A aristocracia illustrada não se offenderá de me ver pôr de parte este brilho social, quando se tracta de o apreciar em relação á eternidade. — Sabe melhor do que eu, que o sangue dos nobres não é mais precioso aos olhos de Deus, do que o sangue dos pobres; e que uma longa serie de genealogias não lhe agrada, como uma longa serie de accções virtuosas.

A alta aristocracia tem um grande escolho para temer: o orgulho, a que Salustio chama o defeito communum da nobreza — *nobilitatis commune malum*. — Um berço distinto, a voz de além berço sempre a fallar de gloria, brasões soberbos enunciando á porta do palacio, a todos os que passam, a distinccão do senhor delle, são materias combustiveis muito azadas para entreterem esse fogo, que arde, com maior ou menor violencia, no coração de todos os filhos de Adão. — Só ha um meio de evitá-lo: a humildade christã. — O Conde viu o escolho, temeu-o, evitou-o seguindo as inspirações dessa bella virtude, que nasceu no berço de JESUS CHRISTO, e que a modestia do mundo debalde pretende contrafazer.

Eu peço á verdade, que me ensine a pintal-o com exactidão em relação a esta virtude. — O Conde não possuia essa affabilidade artística, que lisonjea enganando; nem esse rijo facil, que quasi sempre revela frivolidade, ou cousa ainda peor; nem essas maneiras estudadas, que até incommodam.

Mas era accessível a todos, bem vindo para todos, cortez para todos, sem estudo, sem calculo, sem pretenções. — Tinha a humildade no coração, que é a sua verdadeira séde. — E eis-aqui a razão porque, exercendo cargos importantes, vivendo em tempos difficeis, atravessando revoluções com tantos programmas e banderas; nunca recebeu o menor insulto, nem no arder mais vivo das paixões; e mereceu sempre a estima dos homens honestos de todos os partidos.

Mas eu abro o seu testamento, e que vejo? O homem de tantas glorias ordena nelle, que os pobres do Asylo de Mendicidade conduzam seu corpo á sepultura. — Leve o orgulhoso a vaidade até

á beira della, deixe escripto o programma de seu apparatoso funeral, soboree, quando o escreve, o triste prazer da pompa da morte. — O humilde Barbacena só quer duas coisas: alguns pobres para conduzirem ao tumulo os seus restos mortaes, e uma pedra-rasa para os cobrir.

Assim corou na morte a virtude que amara na vida; assim evitou o escolho fatal á sua classe; assim conduziu Deus o fidalgo pelos caminhos rectos da humildade. *Justum, etc.*

Depois de termos considerado o que o Conde recebeu dos caprichos da fortuna, consideremos os cabedaes, que elle ajuntou aos fundos herdados.

O tempo chega, em que deve abrir uma carreira, seguir-a, ser util a si, aos seus e á patria, e fazer que não se lhe applique a sentença do pae da philosophia moral: *Non vixit; sed in vita moratus est.* Sabia muito bem que não devia passar a vida na molleza, saboreando indolente as vantagens do seu nascimento: — sabia, que jaetar-se qualquer da nobreza de seus avós, é, como diz um litterato nosso de nome claro, procurar nas raizes o fructo que deve achar-se nos ramos: — sabia que um fidalgo, ou filho *de alguem*, tambem deve ser *alguem*: — sabia, finalmente, da sentença do nosso Faria e Sousa:

Honras não atribuas,
De nobre, a quem não faça
Obras que a rosto aberto chame suas. »

N'aquelle tempo existiam ainda restos desse genio cavalleiroso portuguez, que tantas glorias nos valeu, que tanto inflammava o coração da nossa juventude, e que o movimento das cousas substituiu por outro. — Esse genio, tradições de familia, exemplos de classe, e ardor juvenil, tudo lhe dizia: A's armas! — O Conde lancou-se nesta carreira em tenra edade, assentando praça de soldado no regimento de cavalleria de Minas Geraes, onde seu pae era governador e capitão general, e depois no de Mecklemburgo em Lisboa, onde seguiu o curso de mathematica e fortificação com tanta distincção, que obteve os premios em todos os annos.

As accões brilhantes da sua carreira militar, as commissões importantes que desempenhou com aplauso em Portugal e na America, a arte de organizar e disciplinar corpos, os postos elevados a que subiu pela escada do merito, as decorações honrosas que recebeu; tudo revela a legitimidade da sua vocação. — Das virtudes guerreiras nenhuma lhe faltou, sem exceptuar aquella que mais caracteriza o soldado, a *valentia*, chegando no ardor da peleja, como aconteceu em Las Rosas, a pequena distancia de Madrid, aos 11 de agosto de 1812, até onde as espadas inimigas alcançam as cabeças. — Levado então prisioneiro a Madrid, e recebendo alli obsequioso acolhimento do estado-maior do rei José Bonaparte; mereceu que lord Wellington (pouco inclinado a trócas de prisioneiros) pedisse e obtivesse a sua, pelo apreço que fazia deste bravo official — Restituído ao campo, achou-se, apesar dos incomodos resultantes do seu ferimento, na batalha de Victoria, con-

mandando toda a divisão da cavalleria portugueza, assim como em outras que se seguiram até ao fim da guerra.

Eis o quadro, esboçado a correr, da sua vida de soldado até ao fim da guerra peninsular.—A outra folha deste livro.. deixou-a em aberto, para a posteridade escrever nella o que a sua mão fria e imparcial costuma escrever.

O illustre Bossuet disse na oração funebre do maior soldado do seu seculo: « Que seria o principe de Condé, com seu coração e seu genio, ambos tão grandes, sem a *piedade*? . — Ha, com effeito, uma alliança intima entre a milicia e a Religião : « O Deus de paz (disse ha pouco o arcebispo de Paris no Campo de Marte, por occasião da bençaom das bandeiras, e da entrega das aguias imperiaeis) o Deus de paz é tambem o Deus dos exercitos ; houve sempre uma religião dos combates ; os romanos collocavam os seus deuses ao lado das aguias, e á frente das legiões . — Esta alliança nasce ainda da reciprocidade dos beneficios : a Religião deve ao soldado, e o soldado deve á Religião — A historia finalmente apresenta-nos como eminentemente religiosos os maiores capitães de todos os seculos ; e nesta gloria os portuguezes não cedein a palma a ninguem.

Que seria (digo eu tambem como Bossuet) o Conde, com o seu valor guerreiro, e brilhantes prendas militares, sem a *piedade*? — Porém elle uniu sempre a piedade de christão ao valor do soldado — « Existe um Deus (dizia Condé aos seus amigos) existe uma religião, que é o culto do verdadeiro Deus ; de todas as religiões, a christã é a unica divina ; de todas as seitas christãs, a catholica é aquella, onde se aeha unidade e ordem, onde por consequinte existe o espirito de Deus. » — Eis-aqui a Religião que o Conde seguiu desde o berço até ao tumulo.—o *catholicismo puro* ; desprezando sempre os systemas dos materialistas passados, dos ideologos e reveladores modernos, e dos pantheistas novissimos, e tudo quanto podia offendre estas tres grandes verdades : *Deus, Jesus Christo, e a Egreja*. — Quereis argumentos da sua religião pratica, que são sempre a melhor prova da especulativa? — Vede-o lá no meio dos mares, morto o cirurgião do navio em que navegava da America para o reino, e desenvolvendo se uma epidemia a bordo, encarregar-se do tractamento dos infelizes com tal caridade, exercer as funções de medico e de infermeiro com tal desvelo e successo, que de 26 atacados só teve que lamentar a perda de um. — Vede-o repartindo annualmente com escrupulosa regularidade (além de avultadas esmolas avulsas) a quinta parte dos seus rendimentos por pessoas pobres e recolhidas ; como se soube pelas suas contas, e como o attestaram as lagrimas de numerosos infelizes, que o acompanharam á sepultura. — Vede-o dispondo, em seu testamento, de toda a sua fortuna a favor de um estabelecimento de educação para meninas desamparadas, que manda fundar na Villa de Barbacená ; e para legados de pessoas necessitadas e desvalidas, separando apenas uma diminuta somma, que lega aos seus testamenteiros.

Assim coroou na morte a virtude que amara na vida ; assim uniu a fé do christão ao valor do guerreiro ; assim se collocou por ella a par dos Condés, e dos grandes capitães de todos os seculos ; assim conduziu Deus o soldado pelos caminhos rectos da piedade. — *Justum etc.*

Mas que vejo?.... Deus que conduzira o fidalgo pelos caminhos rectos da humildade, e o soldado pelos caminhos rectos da piedade; vai abrir um novo campo á sua virtude: quer que o vejamos tão grande na adversidade, como o viramos na fortuna. — Ao mando de Deus, a adversidade que mora ao pé da fortuna, saiu um dia de sua casa, deu tres passos, bateu rijo á porta do Conde, entrou, e disse-lhe: « Sabes o que são decretos de Deus! Por decreto delle venho aqui para te acompanhar até á morte! » — Neste dia, a fortuna voltou-lhe as costas, e deixou-o a braços com a adversidade. — E' lei do mundo! Não ha planta viçosa, que esta geada não cresce; flor delicada, que este sol não murche; arvore robusta, que este furacão não derrube; rochedo duro, que este raio não lasque.

Quando a adversidade entrou em casa do Conde, e a fortuna saiu, a virtude não se retirou. — Companheira fiel nos dias de gloria, não o desamparou nos dias do infortunio. — Depois de fazer que não se deslumbrasse com os risos da prosperidade, fez que não succumbisse com os revezes da desgraça. — Ajudou-o a ser feliz com sabedoria, ajudou-o a ser desgracado com valor.

Este campo, confesso-o, para o illustre finado está matizado de flores, mas para o orador está cuberto de espinhos. — Apresenta flores de alto preço, mas difficeis de colher, e de um aroma que só pode ser justamente apreciado por um sentido delicado. — E deverei eu deixal-as morrer na obscuridade, onde foram tam diligentemente cultivadas? Não: irei com cautela por causa dos espinhos, mas hei-de colhe-las, e até espero fazel-as amar. — Só peço duas cousas: bom uso do espirito, e do coração.

Cada um de vós sabe o que são convicções (não tractemos agora de apreciar o valor dellas) as boas louvam-se, as ruins lamentam-se; insulto não se faz a nenhuma. — Mas se antes quereis, desçamos da esphera intellectual para a moral, da região do espirito para a do coração. — Cada um de vós sabe, o que é o amor de uma idéa, de um principio, de um systema, de uma causa; e sabendo isto, sabe igualmente o que será amar uma, jogar as armas, expor a vida por ella, e perdel-a! — Junctai ainda as sympathias do amor, a firmeza de um caracter nobre, de um caracter portuguez. — Agora, como fallo a pessoas de espirito subido, e coração delicado, peço a todos que decidam (fazendo bom uso de um e outro) que deverá fazer um homem que perde uma causa que ama? — Julgo, que decidireis comigo, que só lhe restam tres recursos: ou morrer, ou abandonar a causa, ou retirar-se das scenas do mundo. — Morrer succumbindo, não pertence ás almas energicas: morrer attentando contra a vida, não pertence ás christãs. — Abandonar a causa pede um triplice sacrificio que o mundo todo condena: o das convicções, o das sympathias, o da firmeza de caracter. — Que restava ao Conde, não podendo morrer, nem abandonar a causa? Retirar-se das scenas do mundo. E' o que fez, resistindo ainda nos ultimos annos da sua vida, ao convite que lhe fizeram para aceitar o cargo de ministro e de conselheiro de estado.

Retirado, pois, das scenas do mundo, e reduzido a uma vida de obscuridade, aquelle que luzira n'um theatro explendido, que assistira aos conselhos dos reis, e que exerceera os mais honrosos cargos da republica, devia, porque era homem, sentir as luctas que occasionam similhantes sinistros; mas era nestas luctas, neste fogo lento, neste crisol, que a Providencia tinha resolvido acabar de purificar a sua virtude. — A adversidade, que abate os espiritos fracos e eleva os fortes, não abateu o seu, elevou-o. — O Conde adorava os decretos de Deus, vivia resignado, purificava-se, ia sacudindo o pó da sua passagem pelo mundo, occupava-se do infinito e do eterno, dava ao Céu um espectaculo digno d'elle. — Tal foi o caminho recto por onde ultimamente o conduziu o Senhor, o caminho recto da resignação. — *Justum etc.*

Dizei-me agora. — Não são preciosas as flores que eu acabo de colher no jardim dos ultimos dias de vida do Conde, essas virtudes que elle cultivou retirado das scenas do mundo? — Perdem o valor por serem cultivadas na obscuridade, por serem raras, por serem de poucos? — Haverá alguém que não as ame? — Só hade ser estimavel o que é nosso? Só valente o soldado do nosso campo? Só virtuoso o varão do nosso gremio? Só digno das honras da vida e do tumulo o homem das nossas opiniões? — O bom senso não o entende assim; louva a virtude, onde quer que ella existe. — Todos os que pretendem fazer o panegyrico da firmeza e a satyra da covardia, invocam o nome de Catão; e Catão não é de todos pelos principios que professava; mas deve ser de todos o caracter nobre e firme, esse caracter, que tornará immortal a memoria do illustre Barbacena, a quem Deus conduziu sempre por caminhos rectos: como fidalgo, pelos caminhos rectos da humildade: como soldado, pelos caminhos rectos da piedade: como homem retirado das scenas do mundo, pelos caminhos rectos da conformidade. — *Justum etc.*

ESTAMOS A OBTER A OBRA DE AUTOR NUNCA ABORDADA
ENTRE OS LIBRARIOS ESTRADIAIS

Vy isto que seguiu caminhos rectos em todas as posições de sua vida, e praticou o bem em todos elles, direi o mesmo que diz o Apostolo: « A paz, a honra, a gloria sejam com elle: a paz com sua sepultura; a honra com a sua memoria; a gloria com o seu nome. *Pax, honor, gloria omni operanti bonum.*

Que resta? — Reunirmo-nos todos em espirito de caridade, e fazermos deprecações ao Céu pelo descânço da alma (torno a repetir esse nome de tão saudosas recordações, para que o honreis com um novo testemunho da vossa sensibilidade, e se torne mais fervoroso o vosso orar) pelo descânço da alma do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 7.^º vizconde, e 2.^º conde de Barbacena. — As suas virtudes, as misérias da miserável vida purificadas pelo longo martyrio de 20 annos, tudo nos afiança que elle depois das luctas do campo da vida, canta no Céu hymnos de victoria. — Mas a nossa confiança pode ultrapassar os limites da misericordia de Deus a seu respeito: os mysterios da eternidade cobre-os um véu, que a vista do homem não rasga.

Orar, orar pelo seu descânço! — Um derradeiro adeus de amigos, de portuguezes, de christãos! — Algumas lagrimas em frente da urna funeraria! — Algumas flores de saudade desfolhadas sobre ella! — E venha o Ungido do Senhor cercal-a de bençãos, espargil-a com a agua lustral, perfumal-a com o incenso, e desejar ao finado, em seu nome, em nome da Religião que honrou com as suas virtudes, em nome do gremio catholico em que viveu e morreu, em nome desta assembléa onde tem amigos, a paz do tumulo, o deseânço eterno. — *Requiescat in pace.*

